

## **A literatura de massa na perspectiva dialógica/ *The mass literature on dialogic perspective***

*Arnaldo Cortina\**

### **RESUMO**

Tomando por base alguns conceitos centrais da análise dialógica do discurso, este artigo propõe discutir, por meio do exame das listas dos livros mais vendidos no Brasil durante os anos de 2000 a 2010, as características centrais da literatura de massa contemporânea. A partir da constatação do predomínio dos livros de autoajuda, examina-se em que consiste esse fenômeno. O que se verifica é que a autoajuda pode ser observada tanto como gênero de discurso quanto como estilo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alteridade; Autoajuda; Dialogismo; Enunciação; Literatura de massa

### **ABSTRACT**

*Building on some core concepts of dialogic discourse analysis, this article aims to discuss, through an examination of the bestseller lists in Brazil during the years 2000 to 2010, the central features of contemporary mass literature. By the evidence of the prevalence of self-help books, we examine how the phenomenon is consisting. The conclusion that we get is that self-help can be seen both as a discourse genre and as style.*

**KEY-WORDS:** *Alterity; Dialogism; Enunciation; Mass literature; Self-help*

---

\* Professor da Universidade Estadual Paulista - UNESP, Araraquara, São Paulo, Brasil, Pesquisador do CNPq; [cortina@fclar.unesp.br](mailto:cortina@fclar.unesp.br)

Na abertura do texto intitulado Análise e teoria do discurso, Brait (2006) postula a formulação de uma “análise/teoria dialógica do discurso” (p. 9-10). Ao afirmar que os participantes do chamado *Círculo de Bakhtin* nunca propuseram exatamente um método de análise do discurso como, por exemplo, a Análise do Discurso francesa, desenvolvida por Michel Pêcheux ou Patrick Charaudeau, observa que os estudos dos pesquisadores russos sobre a linguagem fornecem um instrumental bastante rico e complexo, que podemos atualmente utilizar quando produzimos análises de discursos. E a inserção do adjetivo “dialógica” à expressão “análise do discurso” não só aponta para os trabalhos do *Círculo* como também destaca um dos conceitos centrais dessa corrente de pensamento sobre a linguagem.

O conceito de dialogismo, entendido como princípio constitutivo da própria linguagem, pode ser identificado, por exemplo, quando Bakhtin (1998), ao se referir aos fenômenos específicos do discurso, afirma o seguinte:

[...] Estes fenômenos se definem pela orientação dialógica do discurso para o meio das enunciações “estrangeiras” (alheias) nos limites daquela mesma linguagem (do discurso dialógico tradicional), para o meio de outras “linguagens sociais”, sempre nos limites da mesma língua nacional e, finalmente, para o meio de outras línguas nacionais nos limites da mesma cultura e do mesmo horizonte sócio-ideológico”. [...]

Mas todo discurso existente não se contrapõe da mesma maneira ao seu objeto: entre o discurso e o objeto, entre ele e a personalidade do falante interpõe-se um meio flexível, frequentemente difícil de ser penetrado, de discurso de outrem, de discursos “alheios” sobre o mesmo objeto, sobre o mesmo tema. (p. 85-6. Grifos do autor)

Isso significa que a linguagem humana produz-se não apenas pela repetição das palavras que constituem o léxico de uma determinada língua, mas também pela reiteração de discursos. E, nesse sentido, podemos também recorrer a Volochínov (Bakhtin, 1981)<sup>1</sup> quando afirma o caráter ideológico do signo, pois, se o discurso é compreendido como um signo, é marcado pelo ideológico:

[...] Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade,

---

<sup>1</sup>. Não entraremos aqui na discussão sobre a autoria de *Marxismo e filosofia da linguagem*, embora utilizemos a tradução para o português publicada pela HUCITEC, sob a autoria de Bakhtin (Volochinov), concordando com os estudos sobre o *Círculo bakhtiniano* que apontam Volochínov como autor.

ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo será sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico.* (p. 32. Grifos do autor)

É a partir desses conceitos, portanto, que este artigo será proposto. O que pretendemos é exatamente examinar o caráter dialógico do discurso da literatura de massa e, conseqüentemente, a posição ideológica que essas obras afirmam. E, ao falarmos de dialogismo e ideologia, estaremos, convocando, por conseguinte, outros temas deste volume da revista *Bakhtiniana*, quais sejam, a alteridade e a autoria.

Antes de apresentar nosso objeto de análise para este artigo, é importante ressaltar que a noção de alteridade, oriunda da filosofia, para a qual o ser se define pela relação com o não-ser, é uma outra forma de apreensão do dialogismo. Ao mesmo tempo em que este é constitutivo da linguagem, indica que o discurso se constrói a partir da relação entre um sujeito que enuncia, seu produtor, e um sujeito para quem ele é dirigido, seu interlocutor. Para a semiótica francesa, segundo Greimas e Courtés (2008), este é o princípio do conceito de sujeito da enunciação, que corresponde a uma entidade dupla, constituída por um enunciador e por um enunciatário. A autoria, por sua vez, liga-se ao princípio do estilo, que corresponderia, grosso modo, à maneira como um discurso assume um caráter individual, específico, ao produzir seu sentido. Embora ele não deixe de ser a repetição do outro, apresenta características linguístico-discursivas específicas, que o identificam como próprio de um sujeito.

## **1 Literatura de consumo na sociedade contemporânea**

Ao realizar um levantamento, durante o período de 1966 a 2010, sobre os livros mais consumidos pelo público leitor brasileiro, pudemos constatar um aumento bastante acentuado da presença dos chamados livros de autoajuda. Isso nos leva a indagar as razões pelas quais esse fenômeno ocorre. Ao observar que o alto consumo desse tipo de obras deve-se ao marketing do mercado editorial não estamos, na realidade, identificando a causa do crescimento do interesse do leitor brasileiro contemporâneo pela literatura de autoajuda, mas sim uma consequência. As editoras investem nesse tipo

de livros porque há um mercado que demanda o produto. O que queremos dizer é que se não houvesse pessoas interessadas em ler obras de autoajuda, as editoras não publicariam uma quantidade cada vez maior desse tipo de textos. A razão precisa ser buscada exatamente na origem desse interesse do público leitor.

Primeiramente é preciso dizer que a chamada literatura de massa abrange uma diversidade de obras, com variadas temáticas. Existem os romances policiais, que sempre foram muito procurados, os livros de humor e sátira, as reportagens biográficas, os religiosos, entre vários outros, mas o que se percebe é que o crescimento da produção de obras de autoajuda vem tomando proporções diferenciadas.

Quando surgiram, em meados do século XIX, as obras de autoajuda tinham como propósito contribuir para a formação do caráter de seus leitores, como nos mostra Rüdiger (1996), ao se referir ao livro *Self-help*, escrito pelo médico escocês Samuel Smiles, em 1859, cuja intenção consistia em dar lições de diferentes disciplinas para trabalhadores comuns. Já no final desse mesmo século, essas obras caminharam para as questões do mentalismo, procurando ensinar a seus leitores como controlar suas mentes para atingir o bem-estar. Ao longo do século XX e do início do XXI, porém, a autoajuda diversifica suas temáticas para tratar de diferentes questões, tais como, a sexualidade, o misticismo, o aspecto financeiro, a beleza, etc. O que se percebe, então, e é essa nossa tese central, é que a autoajuda atualmente deixa de ser um tipo específico de texto, com características definidas, e passa a se disseminar em diferentes formatos, isto é, ao invés de se constituir em um gênero, passa a ser um estilo. Em sua essência, a autoajuda é o tipo de literatura que trata das questões do autoconhecimento, da individualidade.

Muitos são os trabalhos em sociologia, por exemplo, que analisam o comportamento dos homens das sociedades contemporâneas, na tentativa de compreendê-lo. Bauman (1998), ao dialogar com a obra *O mal-estar da civilização*, de Freud, defende que, diferentemente do que afirmava o médico austríaco no início do século XX, o mal-estar pós-moderno (ou da sociedade contemporânea) não nasce da opressão, mas sim da liberdade. Segundo Bauman, é a multiplicidade de opções, impulsionadas pelo consumo, que leva o homem atual a um estado de tensão e de insegurança, razão pela qual afirma o seguinte:

Os homens e mulheres pós-modernos realmente precisam do alquimista que possa, ou sustente que possa, transformar a incerteza

de base em preciosa auto-segurança, e a autoridade da aprovação (em nome do conhecimento superior ou do acesso à sabedoria fechado aos outros) é a pedra filosofal que os alquimistas se gabam de possuir. A pós-modernidade é a era dos especialistas em “identificar problemas”, dos restauradores da personalidade, dos guias de casamento, dos autores dos livros de “auto-afirmação”: é a era do “surto de aconselhamento”. [...] A incerteza de estilo pós-moderno não gera a procura da religião: ela concebe, em vez disso, a procura sempre crescente de especialistas na identidade. Homens e mulheres assombrados pela incerteza de estilo pós-moderno não carecem de pregadores para lhes dizer da fraqueza do homem e da insuficiência dos recursos humanos. Eles precisam da reafirmação de que *podem* fazê-lo – e de um resumo a respeito de *como* fazê-lo. (1998, p. 221. Grifos do autor).

Ainda segundo Bauman (1998), as transformações das relações sociais do mundo contemporâneo, resultantes das mudanças do capitalismo, alimentam o sentimento de incompletude, de falta, tão característico das pessoas que vivem nos grandes centros urbanos. As mais tradicionais instituições religiosas do Ocidente, tais como a Igreja Católica e a Protestante, perdem sua força hegemônica, que determinava padrões de comportamento social e que se refletiam inclusive, nas relações econômicas. O homem contemporâneo não repete mais os rituais das grandes Igrejas, nem pauta seu comportamento social pelos princípios dos discursos que sustentam essas mesmas instituições religiosas. Ele se vê inserido em uma sociedade que atinge um grau mais sofisticado de tecnologia e de produção científica, que desmistificam padrões seculares de comportamento e de crença. Em um país de maioria católica, por exemplo, torna-se cada vez mais difícil manter um discurso contrário ao uso do preservativo, assentando-o sob o princípio de que isso incentiva um comportamento sexual que não se volta exclusivamente para a procriação. A própria Igreja Católica Romana, na figura de seu líder representativo, o Papa, acaba produzindo discursos que amenizam essa posição dogmática, que se choca de forma tão violenta com as questões de ordem médica, como o controle das doenças sexualmente transmissíveis, ou de ordem social, como o controle da natalidade.

Mas, em meio a um impulso crescente do consumo e ao fato de que a humanidade não consegue ainda explicar todas as coisas existentes - o que gera a insatisfação, a insegurança, o medo -, o homem contemporâneo precisa de algo que amenize sua angústia. E é exatamente isso que ele busca na literatura de aconselhamento, como afirma Bauman (1998).

Outro sociólogo que reflete sobre as considerações que Freud (1997) faz a respeito da formação do processo civilizatório é Giddens (2002). Seguindo uma linha de raciocínio próxima à de Bauman (1998), afirma que, ao examinarmos a sociedade contemporânea, perde força a interpretação que ressalta a culpa como consequência da civilização.

Se fizermos a equivalência entre “civilização” e “modernidade”, e olharmos para seu período inicial de desenvolvimento, tem sentido a conexão com culpa e consciência. Se a interpretação que Max Weber faz da associação entre o puritanismo e o surgimento do capitalismo for correta, podemos ver um mecanismo de formação de consciência. Afinal, o capitalismo, segundo descrito por Weber, fornece o ímpeto para o surgimento das instituições modernas renunciando às satisfações que a riqueza acumulada pode trazer. Mas o que dizer sobre o depois, o momento mesmo da maturação da modernidade? Os seguidores de Freud há muito têm dificuldade em reconciliar suas ideias com a aparente permissividade moral da modernidade tardia. Quem sabe a civilização se partiu sob o peso de suas próprias demandas, dando aos indivíduos a chance de dar vazão a seus desejos? Quem sabe um período de restrição moral, por alguma razão, foi substituído por uma era de hedonismo? Essas explicações não parecem convincentes. Por que um período de intensificação e globalização das instituições modernas produziria um relaxamento da culpa se o aumento da culpa está intrinsecamente associado à maior complexidade da civilização? Se destacarmos o teorema segundo o qual mais civilização significa mais culpa, podemos ver as coisas sob uma luz diferente. O movimento característico da modernidade, no nível da experiência individual, é de afastamento em relação à culpa (GIDDENS, 2002, p. 144).

Na medida em que a sociedade moderna cria nos indivíduos a afirmação de sua autonomia, de sua identidade, no consumo, isto é, na necessidade de possuir e consumir os bens oferecidos pelo mercado, a ideia de culpa fica enfraquecida. Ao desenvolver sua proposta de reflexividade da modernidade em relação à trajetória do eu, Giddens (2002) examina o livro *Autoterapia*, escrito por Janette Rainwater, com o intuito de mostrar a interferência do processo de mercantilização característica das sociedades modernas.

[...] Não só os estilos de vida, mas também a auto-realização é empacotada e distribuída segundo critérios de mercado. Livros de auto-ajuda como *Autoterapia* ficam numa posição precária em relação à produção mercantilizada da auto-realização. De certa maneira tais obras se afastam do consumo padronizado e empacotado. Mas quando são colocadas no mercado como teoremas pré-empacotados sobre

como “seguir em frente” na vida, são aprisionadas no próprio processo a que nominalmente se opõem. (p. 183-184)

O que se pode perceber, portanto, é que a questão da autoajuda é objeto de exame para os autores que refletem sobre a constituição das sociedades contemporâneas. E quando se fala sobre esse tema, a ideia de consumo está ligada tanto às listas dos mais vendidos, quanto às razões que levam as pessoas a procurarem esse tipo de literatura. Quer seja um fenômeno ligado à própria ordem econômica do capitalismo, quer um reflexo dos desejos dos indivíduos que vivem nas sociedades modernas, a autoajuda passa a ser um objeto factível de exame, pois é fruto do momento atual.

Se, por um lado, consideramos as perspectivas a partir das quais os autores anteriormente citados tratam esse tema, é importante contrapor ao viés sociológico o que chamaríamos de perspectiva discursiva. Desse ponto de vista, portanto, o que é exatamente a autoajuda? Essa será, portanto, a questão a ser discutida no próximo tópico deste trabalho.

## **2 Autoajuda numa perspectiva discursiva**

Como os textos de autoajuda têm como propósito instruir seus leitores, ou seja, provê-los de um saber por meio do qual poderão cuidar de si, apresentam, na maioria das vezes, a estrutura de um texto programador. Assim, muitas dessas obras têm o formato de um manual, constituído por uma série de explicações, de conselhos, de exercícios, de relatos de experiência, de depoimentos, etc. O enunciador do texto identifica-se, na grande maioria dos casos, com o autor, que normalmente é uma pessoa autorizada a produzir os ensinamentos que nele estão registrados. Seu interlocutor é o sujeito que está em estado de falta e que procura, no texto que lê, algo que suprima essa carência.

É importante ressaltar que a figura do sujeito autor desse tipo padrão de livro de autoajuda deve necessariamente estar investido de um saber reconhecido por seu leitor. Normalmente já tem certa fama, porque adquiriu notoriedade com um de seus primeiros livros, o que o torna “competente” para dizer o que diz. Outras vezes, quando ainda não é reconhecido, vale-se de um atributo que o distingue das pessoas comuns: é um

renomado médico, é um estudioso do assunto focalizado, é alguém que vivenciou a situação de que trata e conseguiu ultrapassá-la, é um ser dotado de dons especiais, etc. Portanto, a figura discursiva do enunciador necessariamente está apoiada num ser real que o representa. Não é por outra razão que vários dos autores de livros de autoajuda fazem muitas palestras e promovem diversos minicursos em diferentes lugares do país, ou dos países, em que publicam.

Embora o conceito de dialogismo proposto por Bakhtin não diga respeito propriamente ao diálogo face a face, a relação estabelecida entre os sujeitos de discurso, seu enunciador e seu interlocutor, que é um princípio constitutivo do próprio discurso, como apontamos anteriormente, adquire uma importância marcante nesse tipo de obra. No texto de autoajuda, o interlocutor é nomeado (caro leitor, meu amigo, etc.) e constantemente referido. Consequentemente, o enunciador sempre se dirige diretamente a seu leitor para com ele estabelecer o contato da troca de conhecimento. O leitor de autoajuda é um ser concretizado pelo texto; ao mesmo tempo em que é qualquer pessoa que está lendo o livro, é um ser único com quem o autor conversa. Essa estratégia, que consiste em fazer com que o leitor se sinta o real interlocutor do dizer, é importante para a produção do efeito terapêutico. Linguisticamente, a forma de manifestação do enunciador é a primeira pessoa, quer se concretize no pronome ou na desinência verbal, e a do interlocutor é a segunda pessoa, majoritariamente representada pela forma “você” ou, no plural, “vocês”. O que destacamos aqui é que a característica dialógica da linguagem, no sentido de que todo discurso pressupõe um diálogo entre um sujeito que fala e um sujeito para quem se dirige, ganha especial relevo no texto de autoajuda, porque nele a explicitação dessas vozes é constitutiva do gênero.

Com relação ao dialogismo como elemento constitutivo da linguagem, o que se verifica é que o texto de autoajuda é permeado por discursos de diferentes campos do saber e de distintas vozes sociais. A psicanálise, a medicina, a estética corporal, a nutrição, o condicionamento físico, o comportamento humano, a afetividade, a religiosidade, a espiritualidade, entre outros, são temas que ressoam nos textos de autoajuda. Todos eles estão voltados para seu objeto principal, qual seja, o cuidado de si. Discutem-se esses temas para, por meio das técnicas ou saberes apropriados, atingir a felicidade, o bem-estar, o equilíbrio emocional.

Identificado dessa forma, o texto de autoajuda corresponde a um gênero que, como afirmou Bakhtin (1997, p.279), são tipos “relativamente estáveis de enunciados” que se caracterizam por um conteúdo temático, uma construção composicional e por um estilo. A maneira como a autoajuda foi aqui caracterizada corresponde a essa noção de gênero no pensamento bakhtiniano. Ela tem um conteúdo temático próprio que, como já demonstramos, corresponde à afirmação da individualidade, embora isso possa ser tratado das mais variadas formas e pelos mais diversos enfoques. Apresenta também uma construção composicional que lhe é peculiar, qual seja, uma estruturação na forma do discurso programador, da receita, embora haja uma certa mobilidade nessa estrutura, que permite a alguns textos uma organização peculiar desse modo de composição. Por último, incorpora um estilo que, como já foi também aqui mostrado, redundava nessa postura íntima, próxima, particular de relação entre os sujeitos de discurso, seu enunciador e seu interlocutor, bem como com outros discursos com que dialoga.

Se se observam, porém, as mais diversas obras que têm sido publicadas ultimamente e que figuram nas listas dos livros mais vendidos, verifica-se certa transformação desse gênero de discurso. A partir do crescimento da procura por esse tipo de textos, os meios de comunicação que divulgam as listas dos mais vendidos, como os jornais e as revistas, passaram a produzir uma coluna que denominaram “esoterismo e autoajuda”, numa tentativa de distinguir esse tipo de textos de outros que normalmente estão elencados nas colunas de “ficção” e “não-ficção”. Se observamos essa divisão constatamos que os chamados livros de ficção correspondem a narrativas e os de não-ficção, a obras em que predomina o discurso argumentativo-expositivo (reportagens, análises sociais, etc.). Os textos que aparecem na coluna de “esoterismo e autoajuda” são uma mistura de narrativas e de textos expositivos cujo objetivo é tratar as questões da crença e do cuidado de si.

O que se constata, porém, é que essa divisão entre “ficção”, “não-ficção” e “esoterismo e autoajuda” não consegue estabelecer uma distinção clara entre as obras, porque, na verdade, são utilizados critérios diferentes. Uma obra de ficção normalmente é predominantemente narrativa e a de não-ficção, dissertativo-expositiva, como aqui já apontamos. Mas uma obra que trata de temas esotéricos e de autoajuda, por sua vez, pode tanto assumir o formato do texto narrativo quanto o de dissertativo-expositivo.

Por outro lado, na distinção propriamente dita entre a ficção, como aquilo que é um fingimento, uma farsa, uma criação artística, e a não-ficção, como algo que não é uma farsa, nem um fingimento, nem uma criação artística, a obra de esoterismo e autoajuda coloca-se, evidentemente, no segundo grupo, pois sua proposta é de distanciamento da falsidade e da afirmação da verdade.

O estudo da literatura de massa nos leva à conclusão de que a autoajuda pode ser entendida, como já apontamos anteriormente, não só como um gênero, mas também como um estilo. O que estamos querendo afirmar aqui é que, embora os veículos de comunicação tenham encontrado uma forma de separar o que consideram categorias de obras, quais sejam, “ficção”, “não-ficção” e “esoterismo e autoajuda”, é possível encontrar muitos livros que são classificados entre os dois primeiros tipos, mas que, na verdade, são literatura esotérica, ou de autoajuda. Se se pensar a diferença existente entre esoterismo e autoajuda, chega-se à constatação de que as obras que tratam de um tema esotérico<sup>2</sup> também têm a intenção de levar seu leitor a encontrar uma forma de se sentir bem, de oferecer-lhe um caminho para ajudar a si mesmo. Portanto, esoterismo e autoajuda são duas faces do mesmo objeto.

Bakhtin afirma que o estilo está “indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais” (1997, p. 284). Além disso, considera que “os estilos da língua pertencem por natureza ao gênero e deve basear-se no estudo prévio dos gêneros em sua diversidade”. Segundo as colocações do autor russo, portanto, pensar a autoajuda como estilo significa considerar que se trata de uma forma de linguagem que aborda a individualidade (unidade temática) e que se propõe enquanto aconselhamento (unidade composicional). O que estamos afirmando aqui é que, contemporaneamente, ocorre uma disseminação do estilo de autoajuda nos mais diferentes tipos de textos. Esse, portanto, será o tema da próxima seção deste artigo, em que examinaremos os treze livros mais vendidos no Brasil durante os anos de 2000 a 2010 (cf. gráfico 1, em anexo), de acordo com levantamento realizado no *Jornal do Brasil*.

---

<sup>2</sup>. Segundo Houaiss (2009), o adjetivo esotérico refere-se “ao ensino que, em certas escolas da Grécia antiga, destinado a discípulos particularmente qualificados, completava e aprofundava a doutrina; diz-se de todo ensinamento ministrado a círculo restrito e fechado de ouvintes; diz-se de ciência, doutrina ou prática fundamentada em conhecimentos de ordem sobrenatural” (p. 811)

### 3 Exame da lista dos livros mais vendidos nos anos 2000

Dos treze livros que aparecem o maior número de vezes entre os mais vendidos do *Jornal do Brasil*, durante o período de 2000 a 2010 (cf. tabela 1, em anexo), cinco estão elencados pelo periódico na coluna das obras de autoajuda: Tolle (2002), Cury (2007), Byrne (2007), Pease (2000) e Baker (2005). Examinando-os, podem ser identificadas as razões por que ali aparecem. São as típicas obras desse gênero, pois se constroem na forma de manuais que têm por objetivo passar ensinamentos às pessoas. Três deles, Tolle (2002), Cury (2007) e Baker (2005), instauram um diálogo intenso com a Bíblia, especificamente com o “Novo testamento”.

O livro de Tolle (2002) parte de um depoimento pessoal do autor que visa explicar como adquiriu os conhecimentos sobre espiritualidade. Os dez capítulos que o compõem são escritos na forma de uma conversa direta, sendo utilizado inclusive um símbolo indicador de pausa para o leitor, “para que você [o leitor] possa parar de ler por uns instantes, relaxar e vivenciar a verdade do que foi dito” (p. 13). As perguntas atribuídas ao “leitor” aparecem em itálico e as respostas do “autor” em caracteres normais. Embora fale de Cristo, de Deus, a obra de o livro de Tolle (2002) procura ensinar como é possível atingir um estado de felicidade por meio da filosofia budista. Sua base de ensinamento é a filosofia *zen*, entremeada pela ideia do deus da religião católica. Seu principal ensinamento para quem quer atingir esse estado de plenitude é a focalização no “agora”, conceito que está relacionado à noção de tempo e que é construído e percebido pelo pensamento humano.

Em Cury (2007), o autor apresenta-se como um médico psiquiatra que desenvolveu uma teoria própria, intitulada “Inteligência Multifocal”, cujo propósito consiste em desvendar o processo de construção do pensamento humano, responsável por gerar traumas psíquicos. Seu discurso constrói-se muito próximo ao do texto científico, em que vários autores são citados, aos moldes das normas da ABNT (sobrenome seguido de data), embora o livro não apresente uma bibliografia final o que impede que o leitor possa identificar a obra que está sendo citada. Seu objetivo consiste em discutir como os sonhos, no sentido de desejos e projetos de vida, são importantes na vida das pessoas. Para mostrar essa importância propõe fazer uma “análise aberta, livre e crítica sobre o funcionamento da mente de quatro personagens que construíram

belíssimos sonhos e que fizeram outros sonharem” (p. 17): Jesus Cristo, Abraham Lincoln, Martin Luther King e ele próprio, Augusto Cury. Reafirmando os princípios cristãos, o livro apresenta modelos de conduta e de comportamento que devem ser seguidos por aqueles que almejam a felicidade, o sucesso.

Baker (2005) é um psicólogo inconformado com a incompatibilidade entre as teorias psicológicas e a religião. Segundo afirma na introdução da obra, depois de anos de estudo, descobriu que “se compreendêssemos psicologicamente os ensinamentos de Jesus poderíamos entender por que suas palavras exerceram um impacto tão profundo nos seus seguidores” (p. 7). Assim seu propósito consiste em “examinar de outra perspectiva algumas das parábolas mais conhecidas para aprender algo novo a respeito da sabedoria de Jesus à luz do pensamento psicológico contemporâneo” (p. 9). Os onze capítulos que compõem seu livro consistem em relatos de casos anônimos de análises conduzidas por ele, valendo-se dos ensinamentos de Jesus. Seu propósito consiste em ensinar ao leitor como superar suas dificuldades por meio das palavras de Cristo.

O livro de Byrne (2007) constrói-se a partir da simulação de uma conversa instaurada por sete pessoas com o leitor. Essas pessoas são identificadas pelo nome e inicialmente por certas características: um filósofo, escritor e consultor pessoal; um doutor em ciência metafísica, especialista em marketing e escritor; um empresário e especialista na arte de ganhar dinheiro; um filósofo quiroprático, terapeuta natural e especialista em transformação pessoal; um psicólogo e consultor na área de potencial da mente; um visionário e fundador do *Ágape Internacional Spiritual Center*; um escritor, professor, conselheiro e conferencista motivacional (p. 2-3). Todos eles conhecem o “segredo” que prometem revelar para seus leitores. Esse segredo é a “lei da atração”, que é assim definida: “tudo o que entra em sua vida é você quem atrai, por meio das imagens que mantém em sua mente. É o que você está pensando. Você atrai para si o que estiver se passando em sua mente” (p. 4).

O quinto livro desse grupo, Pease (2000), é escrito por um casal, Allan e Bárbara Pease. Seu título em inglês, língua em que foi escrito, é *Why men don't listen and women can't read maps*, o que é bastante distinto da tradução para o português: *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* Uma visão científica (e bem-humorada) de nossas diferenças. O que se pode notar durante a leitura é sua preocupação, muito característica dos livros de autoajuda, em afirmar que tudo que está

ali escrito é fruto de uma pesquisa científica. Ao longo de seus treze capítulos observa-se uma extensa discussão, com argumentos sempre referendados pela autoridade acadêmica – “O professor Ruben Gur, neuropsicólogo da Universidade da Pensilvânia, usou tomografias para mostrar [...]” (p. 27); “O neurologista Roger Gorski, da Universidade da Califórnia em Los Angeles, confirmou que o cérebro [...]” (p. 39); etc. –, sobre a diferença entre o homem e a mulher. Embora o título em inglês tenha destacado um estereótipo da caracterização de ambos os sexos (os homens sempre se acham autossuficientes e nunca escutam os outros; as mulheres são limitadas e incapazes de se orientarem por um mapa), o debate sobre o comportamento sexual do homem e da mulher compreende vários capítulos do livro e é um tema central de toda a polêmica ali levantada. A maneira “bem-humorada” de tratar a questão é uma estratégia de aproximação com o leitor e, na maioria das vezes, chega a afirmações estereotipadas e do senso comum.

Dentre os demais livros não inseridos na categoria de “esoterismo e autoajuda”, podemos destacar quatro obras que, como temos aqui defendido, constroem-se por meio do estilo autoajuda: Hunter (2004) e Grogan (2006), classificadas como não-ficção; Gilbert (2008) e Young (2008), incluídas na relação de livros de ficção.

O livro de Hunter, *O monge e o executivo*, é uma narrativa que se apresenta como registro memorialista. Seu autor, um norte-americano que passava por dificuldades de relacionamento no trabalho e na família, em constante estado de irritação e angústia, resolve internar-se, por uma semana, no mosteiro beneditino “João da Cruz”, situado perto do lago Michigan, para buscar solução para seus males. Nesse mosteiro conhece o irmão Simeão, cujo nome verdadeiro era Len Hoffman, um ex-executivo de uma das maiores empresas dos Estados Unidos, que, apesar do sucesso e da fama alcançados, havia largado tudo e desaparecido do mundo dos negócios, após a morte de sua esposa. Durante a semana que ali permanece com mais cinco pessoas, participa de sessões de oração e de um curso, que trata da habilidade de liderar e de motivar pessoas, ministrado pelo próprio irmão Simeão. Ao final desse período James Hunter supera sua crise e, como resultado das sessões coletivas com Simeão, aprende como ser humilde e autêntico com as pessoas com quem convive. Do ponto de vista de sua estrutura, o livro de Hunter é uma narrativa cujo caráter ficcional se dilui, porque o enunciador do texto afirma que está contando o que aconteceu consigo próprio. Essa

característica de relato pessoal dá maior credibilidade ao que é dito e leva o leitor a se identificar com o que é ali exposto. Como o livro apresenta como subtítulo “Uma história sobre a essência da liderança” é normalmente incluído entre as obras de administração. Nesse sentido é que afirmamos que, embora não declarado ou reconhecido como livro de autoajuda, seu discurso constrói-se exatamente como nas outras obras aqui referidas. O relato pessoal de uma experiência de vida é a estratégia utilizada pelo enunciador para ensinar seu leitor, para passar-lhe lições de vida.

O livro de Grosman, *Marley e eu*, também é uma narrativa de memórias. Seu autor, um jornalista norte-americano que vive na Flórida, conta a história do cachorro de estimação da família, desde que foi comprado até sua morte. Ao final do livro, quando resolve explicar por que estava escrevendo uma coluna sobre a morte de seu cachorro, revela as intenções do próprio livro: “Marley me ensinou a viver cada dia com alegria e exuberância desenfreadas, aproveitar cada momento e seguir o que diz o coração. Ele me ensinou a apreciar coisa simples [...]” (p. 291-292). Não há lições explícitas ao leitor, como nos clássicos de autoajuda, mas a narrativa funciona como um relato apaixonado a respeito de um cão que seria considerado inútil para muitas pessoas. Novamente o estilo da autoajuda é que está presente. A razão pela qual o *Jornal do Brasil* classificou tanto o livro de Hunter como o de Grosman como obras de não-ficção deve-se ao fato de que eles se apresentam como histórias verídicas, que realmente aconteceram nas vidas de duas pessoas distintas.

Por outro lado, o livro de Gilbert (2008) e o de Young (2008) também são narrativas memorialistas, mas estão classificados na lista de obras de ficção. Além disso, ambos tratam de crenças e experiências religiosas.

O primeiro, *Comer, rezar, amar*, é o relato de Elizabeth em busca de seu equilíbrio emocional e espiritual. Depois de um divórcio conturbado e de um relacionamento amoroso rompido, ela resolve viajar para a Itália com o intuito de aprimorar seu italiano; para a Índia, onde vai praticar meditação em um ashram<sup>3</sup>; e para a Indonésia, onde reencontra o xamã Ketut Liyer, que havia conhecido anos antes em Bali, ao fazer uma reportagem para uma revista norte-americana sobre ioga.

---

<sup>3</sup>. Na Índia antiga o *ashram* era o lugar onde os sábios viviam em paz e tranquilidade no meio da Natureza, um eremitério. Na atualidade o termo é usado para designar uma comunidade formada intencionalmente com o intuito de promover a evolução espiritual de seus membros, frequentemente orientado por um místico ou líder religioso (fonte: Wikipédia, acessada em 25/01/2011)

O segundo, *A cabana*, é o relato de um pai atormentado pela morte de sua jovem filha, assassinada por um maníaco, que tem um encontro revelador com Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo na própria cabana onde o corpo de sua filha fora encontrado sem vida. Inconformado com o que havia acontecido com a filha, ele diz não acreditar mais em deus, porque se ele existisse não teria permitido que sua garota fosse tão brutalmente morta. Para provar sua própria existência, durante um período de inverno rigoroso, deus envia-lhe um convite para passar um final de semana na cabana. Esse encontro torna-se uma revelação e Marck se redime diante de deus e da humanidade. Diferentemente, porém, do livro de Gilbert, o de Young é o relato produzido por um narrador a respeito da história de vida de alguém chamado Marck. Segundo esse narrador, Mack era seu amigo há vinte anos e a história que ele escreve é assegurada ao leitor como sendo algo verídico e não fruto da imaginação.

Uma vez mais, trata-se de duas obras que não se constroem como manuais de instrução, mas as narrativas nelas apresentadas são formas de ensinar e de mostrar para seus leitores como é possível encontrar a paz, a felicidade, o equilíbrio, a fé.

## **Conclusão**

Procuramos retratar neste artigo a configuração ideológica da literatura de massa contemporânea consumida no Brasil, valendo-nos, para isso, de alguns conceitos fundamentais da análise dialógica do discurso.

Inicialmente, ressaltamos que nosso exame das listas dos mais vendidos é, em si, a análise de um discurso, uma vez que a entendemos como uma semiótica. As listas dos mais vendidos constituem-se como um texto que reflete o interesse de um determinado público leitor e, ao fazê-lo, manifesta um posicionamento ideológico.

Em consequência dessa observação das listas dos livros mais vendidos, constatamos o predomínio do que chamamos literatura de autoajuda. Esse fenômeno pode ser observado a partir de duas perspectivas. A primeira é aquela que identifica um gênero autoajuda, com marcas próprias, capazes de o diferenciarem de outros gêneros. A segunda, um estilo autoajuda que se dilui em diferentes tipos de textos, de tal forma que se ultrapassa a questão do gênero.

A explicação para esse acontecimento pode ser encontrada nas reflexões produzidas pelos sociólogos preocupados em examinar as sociedades contemporâneas. Com a complexidade do sistema econômico capitalista do mundo globalizado, a dimensão do consumo cria novos padrões de comportamento e altera as relações sociais. O homem contemporâneo ocidental não tem mais as certezas e o padrão de crença e de comportamento característicos do capitalismo do início do século XX. A intensificação do consumo e a transformação na percepção do tempo causada pelos avanços tecnológicos levam os homens a um estado de carência e, para supri-lo, precisa buscar outras respostas. A busca da literatura de autoajuda é uma das consequências desse estado.

Por outro lado, o que detectamos do fenômeno discursivo que é a autoajuda, quer o observemos do ponto de vista do gênero, quer do estilo, é que ele se constitui a partir do princípio da alteridade. O outro com que a autoajuda dialoga é exatamente o discurso do sistema capitalista contemporâneo. Ela é uma resposta aos valores que são disseminados na sociedade e um reflexo deles. Além disso, tanto os livros característicos da autoajuda quanto aqueles que adotam seu estilo caracterizam-se pela relação de proximidade entre o sujeito que enuncia e aquele para quem ele se dirige.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. [VOLOCHÍNOV]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1981.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética*. A teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.
- FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

RÜDIGER, F. *Literatura de auto-ajuda e individualismo*. Contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO CORPUS

BAKER, M. *Jesus, o maior psicólogo que já existiu*. Trad. Cláudia Gerpe Duarte. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

BYRNE, R. *O segredo*. Trad. Marcos José da Cunha, Alexandre Martins e Alice Xavier. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

CURY, A. *Nunca desista de seus sonhos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

GILBERT, E. *Comer, rezar, amar*. Trad. Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

GROGAN, J. *Marley e eu*. A vida e o amor ao lado do pior cão do mundo. Trad. Thereza Christina Rocque da Motta e Elvira Serapicos. São Paulo: Prestígio, 2006.

HOSSEINI, K. *O caçador de pipas*. Trad. Maria Helena Rouanet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

HUNTER, J. C. *O monge e o executivo*. Uma história sobre a essência da liderança. Trad. Maria da Conceição Fornos de Magalhães. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

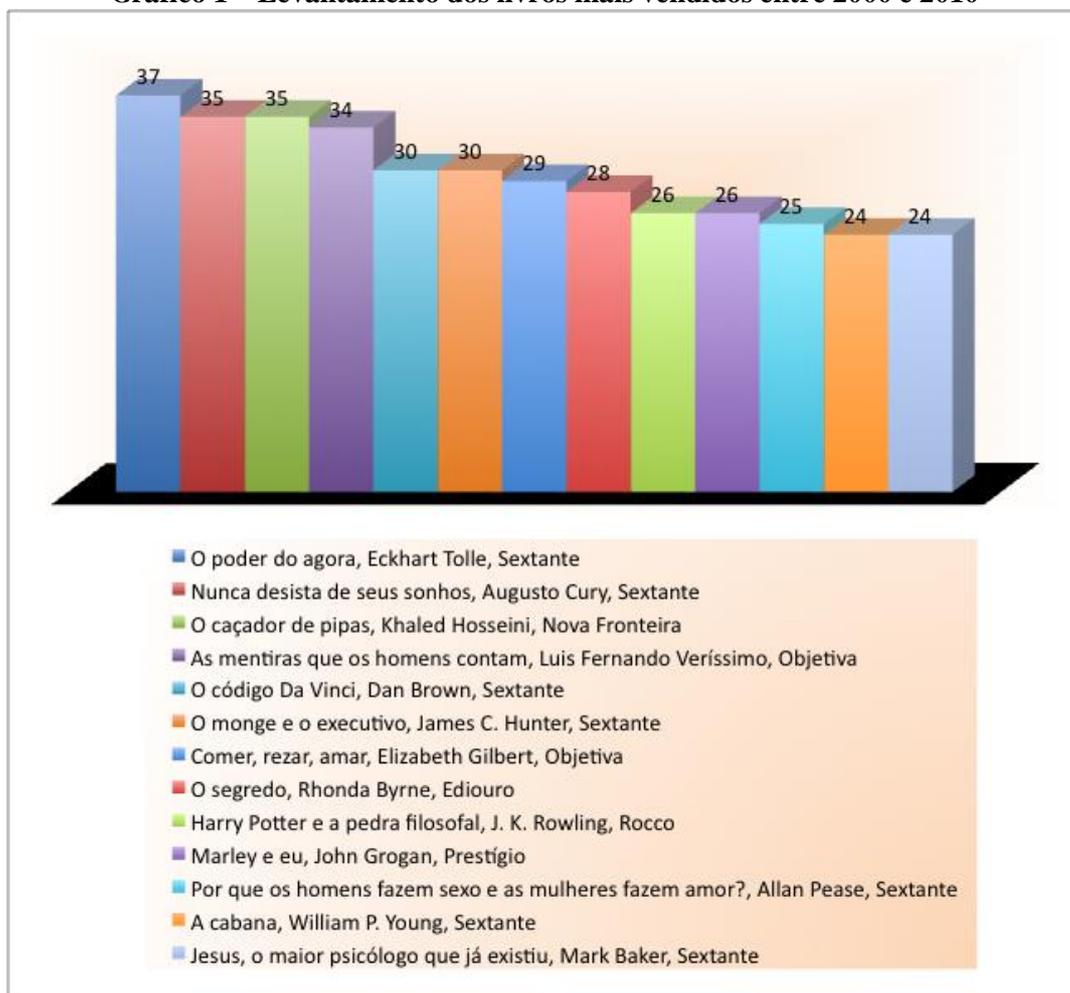
PEASE, A. e B. *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* Uma visão científica (e bem-humorada) de nossas diferenças. Trad. Neuza M. Simões Capelo. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

TOLLE, E. *O poder do agora*. Um guia para a iluminação espiritual. Trad. Ivã Sofia Gonçalves Lima. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

YOUNG, W. P. *A cabana*. Trad. Alves Calado. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

## ANEXOS

**Gráfico 1 – Levantamento dos livros mais vendidos entre 2000 e 2010**



**Tabela 1 – Lista dos livros mais vendidos entre 2000 e 2010**

FICÇÃO
O caçador de pipas, Khaled Hosseini, Nova Fronteira
As mentiras que os homens contam, Luis Fernando Veríssimo, Objetiva
O código Da Vinci, Dan Brown, Sextante
Comer, rezar, amar, Elizabeth Gilbert, Objetiva
Harry Potter e a pedra filosofal, J. K. Rowling, Rocco
A cabana, William P. Young, Sextante
NÃO-FICÇÃO
O monge e o executivo, James C. Hunter, Sextante
Marley e eu, John Grogan, Prestígio
AUTOAJUDA
O poder do agora, Eckhart Tolle, Sextante
Nunca desista de seus sonhos, Augusto Cury, Sextante
O segredo, Rhonda Byrne, Ediouro
Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?, Allan Pease, Sextante
Jesus, o maior psicólogo que já existiu, Mark Baker, Sextante

*Recebido em 06/02/2011*

*Aprovado em 23/03/2011*